

Literatura Portuguesa para a infância e promoção da multiculturalidade

José António Gomes Instituto Politécnico do Porto Ana Margarida Ramos Universidade de Aveiro Sara Reis da Silva Universidade do Minho

Palavras-chave literatura infantil | multiculturalidade | racismo | tolerância | promoção da leitura

Resumo Elaborado no âmbito das comemorações do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, celebrado em 2008, este ensaio procura caracterizar, à luz da temática da promoção da multiculturalidade, um conjunto significativo de textos da literatura infantil portuguesa, dando conta da pertinência e da actualidade deste conceito numa sociedade contemporânea cada vez mais diversificada do ponto de vista linguístico e cultural. Além disso, procura, de forma sintética, dar conta de práticas inclusivas de promoção da leitura levadas a cabo em diferentes contextos, tendo como elemento central a integração e a tolerância.

Keywords children's literature | multiculturalism | racism | tolerance | reading promotion

Abstract Prompted by the commemorations of the European Year of Intercultural Dialogue, which was celebrated during the year of 2008, this essay tries to characterize a significant number of texts coming from Portuguese children's literature, while bearing in mind the theme of the promotion of multiculturalism and arguing for the contemporary relevance of this concept in today's society, which is increasingly diversified from a linguistic and cultural point of view. Furthermore, this essay attempts to briefly cover practices of inclusive reading promotion in different contexts, of which the central elements are integration and tolerance.

Introdução

Portugal, durante décadas país de emigrantes¹, consequência da pobreza, do atraso económico, da ditadura salazarista-marcelista, conhece, há pouco mais de uma década², uma nova situação. De país de partida passou a país de acolhimento preferencial de imigrantes de múltiplas nacionalidades e línguas. Para além de se terem aberto à imigração brasileira e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), as fronteiras portuguesas abriram-se à Europa de Leste, ao Oriente e à África subsariana.

Os dados estatísticos³ comprovam esta situação: em 2002, por exemplo, os estrangeiros residentes em Portugal eram já 4% da população nacional, correspondendo a 5,3% da população activa portuguesa. De acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), entre 2000 e 2004, o número de imigrantes não comunitários aumentou 148,5%. O mesmo serviço estimava que, em 2003, a população estrangeira em Portugal seria de 368 729 imigrantes.

No que diz respeito ao universo escolar, os dados apontam para a existência, nas escolas portuguesas, de mais de 120 nacionalidades diferentes, sendo 80 as línguas faladas pelos alunos em contexto familiar⁴. Segundo um inquérito elaborado pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e levado a cabo em mais de mil escolas, com vista a caracterizar a situação dos alunos para quem o Português é uma língua estrangeira, veri-

fica-se a existência de novos fluxos migratórios, a par dos tradicionais, oriundos de Angola, Cabo Verde e Brasil, englobando países como a Ucrânia. Assim, e ainda segundo os dados do mesmo estudo, que contemplou mais de 15 mil estudantes, os alunos ucranianos já são 8% do total. Verifica-se, deste modo, que países como o Brasil, a Ucrânia, a França, a Moldávia, a Alemanha e a Suíça contam com um crescimento de alunos a frequentar as escolas portuguesas. Na análise a este estudo publicada na revista *Noesis*, 65 (2006), constata-se que «De entre as 80 línguas faladas pelos alunos em casa, os crioulos dos países dos PALOP são as mais comuns, seguidas do ucraniano. A grande maioria dos alunos fala com os colegas da escola em português, havendo 5% que comunica com os seus pares em crioulo.» (Barros, 2006: 34).

A chamada de atenção para esta nova realidade tem sido constante nos últimos anos, tendo mesmo sido contemplada, por parte do Ministério da Educação de Portugal, a inclusão do Português Língua Não Materna no Currículo Nacional, com orientações programáticas específicas para o Ensino Secundário, para além de outros materiais de apoio, incluindo a caracterização dos diferentes perfis linguísticos e testes diagnósticos. Por outro lado, instituições como a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e outras viram oficialmente aprovados cursos

superiores de 2.º ciclo (mestrado/master) nesta especialidade, cujo início de funcionamento está previsto para o ano lectivo de 2009-2010.

A comemoração, em 2008, decretada pela UNESCO, do Ano Europeu do Diálogo Intercultural permitiu sublinhar, em diferentes contextos, o relevo da multiculturalidade no seio da sociedade portuguesa. Em Portugal, ao longo do ano transacto, foram várias as iniciativas levadas a cabo por organismos públicos e privados que apelaram à ideia de tolerância e de integração de outras culturas e outras línguas. Interessam-nos, por motivos óbvios, aquelas que, directa ou indirectamente, estão ligadas ao livro e à promoção da leitura, pelo que, mais à frente, tentaremos dar conta dos exemplos mais relevantes.

Exemplos de textos portugueses de recepção infanto-juvenil

Na produção literária portuguesa contemporânea de destinatário explícito infantil, vários autores tematizam, por exemplo, a partir de heróis infantis imigrantes, tópicos relacionados com a questão em análise. Recorde-se, também, que em outros títulos portugueses, já publicados há alguns anos, como *Alex, O Amigo Francês* (Caminho, 1989), de Carlos Correia, se tocam temáticas como a inadaptação juvenil provocada pela emigração e o racismo. O anti-racismo alimenta ainda composições poéticas como uma ou outra das que constam da obra *A Cor que se Tem* (Plátano, 1986), de Maria Cândida Mendonça.

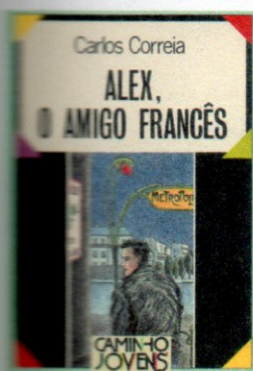
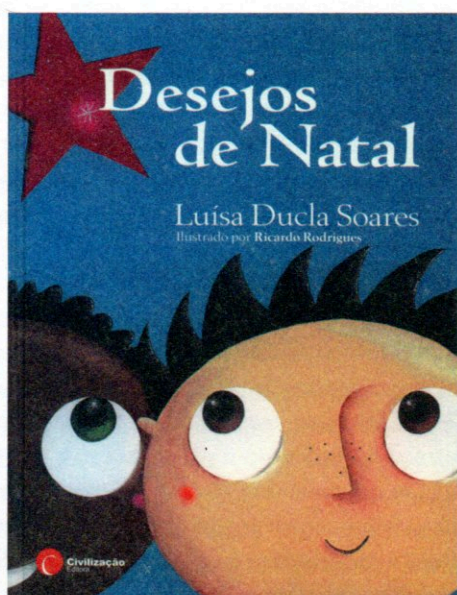
De forma mais ou menos explícita, no álbum narrativo para primeiros leitores *O Dinossauro*, de Manuela Bacelar (Afrontamento, 1990), promove-se o contacto com a diversidade do mundo. Através da

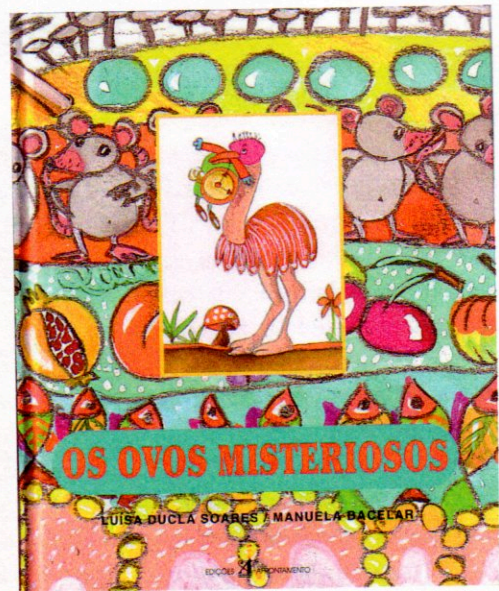


riqueza figurativa e policromática das ilustrações, recriam-se as pisadas do gigante dinossauro, aparentemente um monte, que viajou com várias pessoas no seu dorso e que viu e fez ver «gente igual, gente diferente» e «casas de todos os tamanhos».

Cruzando o veio temático da família e do diálogo intergeracional com a questão da imigração e da diferença, Margarida Botelho, em *A Colecção* (ed. de autor, 2007), cria um ponto de encontro entre uma série de temas pertinentes, dando conta de que a literatura para a infância não se pode alhear do contexto social que a suporta. António, o protagonista, vai conseguir comunicar com Lia, a menina chinesa que chega à sua escola, através dos seus objectos preferidos e das suas múltiplas colecções. Aqui, a diferença que distingue os protagonistas é o ponto de partida para o nascimento de uma amizade singular, capaz de aceitar e valorizar as especificidades de cada um. O formato da edição decorre da proposta de fazer do livro caixa de colecção, sendo as ilustrações construídas a partir de diferentes objectos tridimensionais e outras criações da autora. A ilustração ganha, assim, expressividade particular, aproximando-se do cinema de animação e propondo ao leitor uma relação diferente com aquilo que observa. Além disso, a componente pictórica acentua, com expressividade, as diferenças físicas entre as duas crianças, bem como entre as suas vivências, dando, assim, conta da temática fundamental da narrativa.

Particularmente relevante é a visão de Alain Corbel, também ele imigrante em Portugal, expressa em *A Viagem de Djuku* (Caminho, 2003). Nesta obra, partindo de uma das questões mais importantes da actualidade – a imigração e a integração de estrangeiros (africanos) na sociedade portuguesa –, ficcionaliza-se o encontro de culturas, através de soberbas ilustrações de Éric Lambé, repletas de exotismo e expressividade. O texto apela a um olhar mais atento, e também mais solidário e tolerante, em relação ao outro, à sua cultura e à sua especificidade. A multiculturalidade ganha, pois, neste livro, uma particular dimensão, talvez pelo facto de ambos os





autores serem estrangeiros. Identidade e alteridade são algumas das linhas de leitura de um texto particularmente poético que revela a faceta de escritor de um dos ilustradores que têm marcado o panorama editorial português dos últimos anos.

Desejos de Natal (Civilização, 2007) é uma das mais recentes obras de Luísa Ducla Soares e nesta integram-se os contos: «Carta para o Pai Natal», «O Carro Vermelho» e «Na Cova da Moura». Interessam-nos particularmente a segunda e a terceira narrativas, já que, em ambos os textos, participam figuras infantis desenraizadas do seu espaço nacional. O herói do segundo conto é um menino chinês de 8 anos, Liung, que ajuda os tios numa loja em Portugal e que vê o seu sonho desfeito quando se apaixona irremediavelmente por um carro vermelho telecomandado que acaba por perder. No texto, são várias as referências a elementos de índole cultural, alguns deles reveladores de algumas das expressões da gíria e também de uma atitude, por vezes, preconceituosa que, em alguns quadrantes da sociedade portuguesa, é possível perceber: «Faziam as contas nas costas de um papel impresso com gatafunhos orientais...»; «Está ele a fazer esta operação quando surge um negro enorme, decerto operário da construção civil...». Temáticas como o trabalho infantil ou a precariedade da vida dos imigrantes são aqui tratadas com invulgar subtilidade. A última narrativa possui como figura central Tino, uma criança em idade escolar, representante das muitas infâncias roubadas ou da inocência quase destruída pelo contexto das urbanizações sociais. A simplicidade diegética e discursiva destas narrativas, a construção predominantemente dialógica e coloquial, bem como a presença de figuras infantis com as quais o potencial leitor facilmente se identifica são fundamentais do ponto de vista receptivo. As ilustrações, compostas com recurso a cores fortes, em formato extenso e

muito expressivas, além de recriarem o universo narrativo, colocando especial ênfase na caracterização de personagens e articulando-se, assim, com a componente verbal, contemplam aspectos que esta não inclui. Já antes, em *Há sempre uma Estrela no Natal* (2006), Luísa Ducla Soares publicara o conto «O primeiro Natal em Portugal». Este é protagonizado por Irina, uma menina ucraniana, a viver há pouco tempo em Portugal e a tentar adaptar-se ao seu novo mundo, aos novos colegas que, na escola, lhe chamam «língua de trapos» (Soares, 2006: s/p) e a um Natal que, na sua terra e para os seus, é apenas a 7 de Janeiro. A acção, relatada com vivacidade e num discurso próximo do leitor infantil, desenvolve-se em torno das vivências desta menina, tendo como ponto culminante o momento em que Irina e o seu pai, que, em Portugal, trabalha na construção civil, mas, na Ucrânia, é médico – situação frequente vivida por um número considerável de imigrantes de Leste no nosso país –, socorrem uma vizinha na hora de esta dar à luz. Perpassam, assim, nesta narrativa tópicos tão actuais como o multiculturalismo, a emigração, a aceitação da diferença – esta é, aliás, uma das temáticas mais recorrentes nos textos da autora também de «Meninos de Todas as Cores» (in *O Meio Galo*, ASA, 1976), *Os Ovos Misteriosos* (Afrontamento, 1994) ou do poema «Negra», de *A Cavalinho no Tempo* (Civilização, 2003) – a somar à questão da solidariedade e da entreajudada.

A aceitação da diferença é também uma das linhas ideotemáticas da novela juvenil *Uma Questão de Cor*, de Ana Saldanha (1995; 2.^a ed., Caminho, 2002). Nesta narrativa, a autora revela um conhecimento profundo do universo social e psicológico em que se movimentam os adolescentes dos nossos dias. Uma adolescente em idade escolar, Nina ou Catarina, é personagem e a narradora hábil de uma história do quotidiano, do seu próprio quotidiano, que,



com uma invulgar capacidade discursiva, nos faz ingressar na sua vida familiar e escolar. O relato, muito fluído, bem doseado e a não deixar o leitor escapar, constrói-se sempre num registo coloquial e próximo do receptor, fazendo-o participar das vivências de Nina que, como uma vulgar menina de 13 anos, se vê confrontada, por exemplo, com os problemas de adaptação do seu primo Daniel, que vem para a sua escola e que acaba por ter de encarar diversas situações de racismo. Tendo como base a presença de Daniel, a quem os colegas de escola se referem pejorativamente como o «tostadinho» ou «escurinho», Ana Saldanha textualiza o tema da discriminação racial, encontrando-se a narrativa pontuada de informações, referindo também alguns comportamentos sociais tipificados e reprováveis acerca dos africanos em Portugal.

Eis assim uma breve amostragem de obras que, em Portugal, tematizam, em anos recentes, as questões que aqui nos ocupam. Outras poderiam ser apontadas se espaço houvesse para tal. Do mesmo modo não existe, neste texto, a possibilidade de problematizar e discutir nem os conceitos de *multiculturalidade* e *interculturalidade* (cujas teorizações, segundo alguns autores (v. Carvalho, 2007), não tem escapado a uma visão ocidentalocêntrica), nem outros, tão controversos hoje, e aqui mencionados, como os de *diferença* e *tolerância*.

Práticas inclusivas

Centremo-nos agora numa amostragem de práticas inclusivas que têm tido como principais núcleos as bibliotecas e que recorrem, com frequência, à literatura.

Em termos institucionais, e por englobar um número significativo de parceiros, incluindo escolas e bibliotecas, crianças e adultos, destaque-se o pro-

jecto «Uma Cidade, Doze Livros», iniciativa que a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB), juntamente com as Bibliotecas Municipais de todo o país, promoveu no âmbito do Ano Europeu do Diálogo Intercultural. O projecto consistiu na recomendação, por parte de cada uma das bibliotecas integrantes, de 12 obras literárias relacionadas com os temas do multiculturalismo e interculturalidade, destinadas a crianças, a jovens e a adultos. Coube a cada Biblioteca Municipal a escolha de um livro por mês, sugerido aos habitantes do concelho (1 para crianças, 1 para jovens e 1 para adultos) e a dinamização de actividades que incentivaram a sua leitura, o diálogo e a reflexão sobre os temas em questão.

Também do programa oficial da DGLB constaram outras iniciativas relevantes. Destaque-se, por exemplo, o caso do concurso «E o outro aqui tão perto», dirigido a crianças dos 8 aos 13 anos. Em linhas muito gerais, o passatempo consistiu na redacção de uma carta ou de um *e-mail* dirigido a um menino de uma cultura ou de um país diferente, tendo por base um conjunto de ilustrações de Teresa Lima (vencedora do Prémio Nacional de Ilustração relativo ao ano 2006), assim como as noções de multiculturalismo, de diversidade ou de respeito pela diferença.

Aliás, do programa⁵ oficial das actividades, foram várias as iniciativas ligadas ao livro e à leitura, havendo mesmo um pequeno capítulo⁶ exclusivamente destinado à «Animação de Leitura». Aí estiveram compiladas diversas actividades que integraram feiras do livro temáticas, horas do conto, apresentações de livros e encontros com escritores, exposições bibliográficas, comunidades de leitores, concursos, entre muitas outras iniciativas desenvolvidas um pouco por todo o país.

Alguns exemplos mais ou menos ao acaso incluíram, por exemplo, o projecto «Diferentes leituras do

Mundo», uma iniciativa da Biblioteca Municipal de Montalegre, e que contemplou oficinas pedagógicas, acções de promoção do livro e da leitura intercultural, em parceria com os jardins-de-infância e escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico do concelho. Uma situação diferente foi a que ocorreu na Biblioteca Municipal de Espinho, com a realização semanal de diversos ateliês para imigrantes, nomeadamente de origem chinesa, com o objectivo de divulgar e promover a leitura, facilitando a integração na vida quotidiana local e nacional. As actividades foram muito variadas e integraram, além da leitura de jornais, a leitura de textos da tradição portuguesa e alguns romances, atendendo ao desenvolvimento significativo de alguns imigrantes no domínio da língua portuguesa.

Destaquem-se, ainda, as selecções de textos literários de várias bibliotecas da rede escolar e pública, inseridas em diferentes actividades abertas à comunidade e que incluem obras de diferentes países, línguas e culturas. Foi o caso, por exemplo, de Cascais, onde se promoveram sessões de poesia árabe e mediterrânica, além de várias sessões de contos, ou de Loures, onde contos de diferentes origens serviram de embaixadores aos respectivos países, numa iniciativa intitulada «Um conto, um embaixador». Também no Porto, em 2008, a Escola EB 2,3 de Augusto Gil desenvolveu, sob a coordenação de Milice Ribeiro dos Santos, o projecto «Educar para a Diversidade», no quadro do Programa Sócrates, que integrou articuladamente diversas actividades, várias delas centradas na biblioteca escolar. Destaquem-se um clube de discussão com alunos em torno da multiculturalidade; a produção de um CD em que um mesmo texto (traduzido em várias línguas com a colaboração dos pais) foi lido por crianças em mandarim, francês, inglês, castelhano, português e urdu; a elaboração de um cartaz com o mapa do Mundo, em que os países correspondentes às 14 nacionalidades existentes na escola surgiram destacados e associados a fotos de alunos desses mesmos países; um concurso literário de textos sobre cada uma das culturas representadas na escola e subordinado ao tema «Todos diferentes, todos iguais».

Em termos mais globais, e num dos concelhos de Portugal onde a presença de diferentes comunidades linguísticas e culturais se faz sentir com particular intensidade, verifica-se, mesmo do ponto de vista estratégico, a criação e a promoção de espaços concelhios que colaborem no fortalecimento da noção de identidade. Assim, no Seixal, no âmbito da Biblioteca Municipal e em estreita colaboração com as escolas, foi inaugurado recentemente o «Espaço Intercultural», visando a «disponibilização de recursos documentais e informativos para minorias nas suas

línguas maternas, informação relevante e actividades especificamente preparadas para as pessoas provenientes de outros países e culturas» (Brites e Silva, 2007: 7). Numa reflexão intitulada «A Intervenção Social da Biblioteca na Comunidade: Qualificação Individual e Crescimento Colectivo», as autoras, Cláudia Brites e Vera Silva, daquela Biblioteca, sublinham que o Espaço Intercultural⁷ «visa ser um espaço de inclusão, democratização do acesso ao conhecimento, à cultura e à informação e de sociabilização na comunidade» (idem). A sua implementação decorre da realidade multicultural do concelho do Seixal, reflexo concentrado do próprio país e da sua evolução na última década. Mais do que um espaço físico, aquele projecto pretende funcionar como força motriz para a materialização de acções concretas especificamente centradas nas questões da interculturalidade, da convivência, da identidade, e da criação de laços de afectividade e pertença.

Conclusões

A relevância desta questão no contexto português actual não pode, pois, ser desprezada e as reflexões geradas em torno da promoção de práticas educativas integradoras e interculturais tocam de muito perto o âmbito da Literatura para a Infância e Juventude. Em 2007, na Universidade Aberta, foi defendida uma tese de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, da autoria de Ana Mónica Caldeira Vieira, com o título *O Contributo da Literatura Infantil para a Educação Intercultural – Experiência em Contexto de Sala de Aula*. Entretanto, e em anos anteriores, Natividade Pires publicou, na revista *Inovação*, 9 (1996), «Literatura infantil e educação multicultural» e, um ano depois, Paulo Feytor Pinto assina, na revista *Palavras*, n.º 11 (1997), um ensaio sobre «Educação intercultural na aula de Português». A primeira autora foi ainda uma das responsáveis, juntamente com Margarida Morgado, pela criação de uma pós-graduação em «Educação para a Diversidade – Especialização em Literatura Infantil», na Escola Superior de Educação de Castelo Branco. No projecto, aquela formação contemplava, como disciplinas obrigatórias, as seguintes: Educação para a Diversidade, Teoria Crítica da Literatura Infanto-Juvenil, Multiculturalidade na Literatura Infantil e Ilustração e Educação para a Diversidade.

Não sendo este o espaço mais adequado para problematizar conceitos tão controversos e discutidos como os de «tolerância», «diferença» ou «integração», registre-se apenas que as modificações em curso na sociedade portuguesa se reflectem, pois, nas práticas

de promoção da leitura que, ante a diversidade cultural e linguística dos destinatários, procuram fomentar atitudes inclusivas e tolerantes. No âmbito da produção literária destinada ao público infantil, atenta à realidade que a cerca, são cada vez mais frequentes os textos que recriam a multiculturalidade, promovendo, de forma mais ou menos explícita, valores como a tolerância e a integração. Uma leitura de textos literários publicados nos últimos anos permite perceber como a temática da diferença tem crescido e, a pouco e pouco, vai incluindo aspectos muito específicos como a imigração, a diferença linguística, cultural e étnica. O exemplo de Luísa Ducla Soares, como autora particularmente atenta ao universo cultural e social que a rodeia e às transformações operadas na sociedade portuguesa, é esclarecedor. Trata-se, neste caso, de um eixo que vai ganhando consistência desde «Meninos de todas as cores», onde a autora tratava, de forma mais ou menos abstracta, a questão do racismo, passando por *Os Ovos Misteriosos*, onde defende a valorização da diferença como forma de enriquecimento pessoal e social, até às obras mais recentes onde são recriadas personagens de nacionalidade ucraniana ou chinesa, representando duas das comunidades estrangeiras mais numerosas em Portugal. A literatura para a infância contemporânea inscreve-se, deste modo, nas preocupações de uma educação intercultural, capaz não só de aceitar a diferença, mas também de reflectir sobre o que essa diferença implica. ●

Notas

¹ De acordo com os relatórios oficiais, os fluxos de emigração portugueses foram particularmente acentuados entre 1965 e 1973. Em finais dos anos 60, o número de emigrantes anuais ultrapassava os 100 mil.

² Também segundo os dados oficiais do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, entre 1986 e 1997, o número de estrangeiros em Portugal duplicou, passando de 87 mil para 175 mil, só no que à imigração legal diz respeito. Em 2000, o número já ultrapassava largamente os 200 mil e em 2001 as previsões apontavam para os 350 mil.

³ Confrontar com http://www.acime.gov.pt/docs/GEE/Estatisticas_GEE_2005.pdf

⁴ Aponte-se, a título de exemplo, o caso paradigmático da escola de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico mais próxima do centro da segunda cidade do país – a EB 2,3 de Augusto Gil, no Porto – em cuja população escolar conviviam, em 2007-2008, crianças oriundas de 14 países: Angola, Bangladesh, Brasil, Cabo Verde, China, Equador, Guiné-Bissau, Índia, Marrocos, Moçambique, Paquistão, Portugal, Rússia e Ucrânia.

⁵ Ver em http://www.interculturaldialogue2008.eu/fileadmin/downloads/documents/133-nationalcampaigns/PT/aedi_roteiro_final.pdf (2-6-2008).

⁶ Páginas 13 a 17.

⁷ Confrontar com a reflexão das autoras: «O espaço intercultural constitui-se-á como um elo para todos os indivíduos interessados em conhecer a sua herança cultural» e um estímulo «a manterem-se actualizados com a informação, as criações culturais e estudos sobre os seus universos de origem, aspectos essenciais para a sua coesão e estruturação enquanto indivíduos e enquanto grupo. Num tempo em que a mobilidade das pessoas é uma realidade, importa assegurar factores de identi-

dade, facilitar a partilha de experiências e das diferenças culturais. É implícito ao conceito de interculturalidade a interacção entre os indivíduos de diferentes matrizes culturais, o que é essencial para o mútuo conhecimento e aceitação do outro. Ao proporcionar informação multicultural e multilingue promove-se também, de forma activa e crítica, a participação cívica democrática e está-se a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais harmoniosa e participada. O mundo todo é a nossa casa comum. Por isso, se todos partilharmos o mesmo quotidiano, se todos devemos dar o nosso contributo para o desenvolvimento colectivo da sociedade de que fazemos parte, todos devemos também poder manter o que na diversidade nos distingue e enriquece a natureza humana: a identidade individual e colectiva» (Brites e Silva, 2007: 7).

Referências bibliográficas

- BACELAR, Manuela (1990). *O Dinossauro*. Porto: Afrontamento (ilustrações de Manuela Bacelar).
- BARROS, Elsa de (2006). «Alunos de 120 nacionalidades nas escolas portuguesas», *Noesis*, 65, pp. 34-35.
- BLOCKEEL, Francesca (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: identidade e alteridade*. Lisboa: Caminho.
- BOTELHO, Margarida (2007). *A Coleção*. S/l local: edição de autor.
- Brites, Cláudia e SILVA, Vera (2007). «A Intervenção Social da Biblioteca na Comunidade: Qualificação Individual e Crescimento Colectivo», in *Actas do 9.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas – Bibliotecas e arquivos: informação para a cidadania, o desenvolvimento e a inovação* [Multimédia]. (Ponta Delgada, Açores), Lisboa: B. A. D. [disponível em <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM66.pdf>]
- CARVALHO, Adalberto Dias de (2007). «Para uma crítica da interculturalidade enquanto lugar-comum», *A Página da Educação*, Março, p. 5.
- CORBEL, Alain (2003). *A Viagem de Djuku*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Éric Lambé).
- PIRES, Maria da Natividade (1996). «Literatura infantil e educação multicultural», *Inovação*, n.º 9, pp. 99-105.
- SALDANHA, Ana (2002). *Uma Questão de Cor*. Lisboa: Caminho (ilustrações de José Miguel Ribeiro).
- SOARES, Luísa Ducla (2001). «Meninos de todas as cores» in *O Meio Galo*. Porto: Asa (5.ª ed.) (ilustrações de João Machado).
- SOARES, Luísa Ducla (2006). «O Primeiro Natal em Portugal» in *Há sempre uma Estrela no Natal*. Porto: Civilização, pp. 1-12 (ilustrações de Fátima Afonso).
- SOARES, Luísa Ducla (2007). *Desejos de Natal*. Porto: Civilização (ilustrações de Ricardo Rodrigues).